

# *10 dates surpresa*

ASHLEY ELSTON

Tradução

**Isabela Sampaio**



*Para meu marido, Dean, que conheci em um encontro às cegas  
no Dia dos Namorados de 1992*

*e*

*para meu irmão e meus primos: Jordan, Steve, Todd, Matt,  
Beth, Gabe, Katie, Jeremy, Anna Marie, Sarabeth, Jessica,  
Rebecca, Mary Hannah, Emily, India, Katherine, Madeline,  
Haley, Amiss, Rimes e John. Obrigada por tornarem minha  
infância mágica.*



## SEXTA-FEIRA, 18 DE DEZEMBRO

— **Tem certeza que você não vem com a gente?**

Minha mãe se pendura na janela do carona e me envolve em um abraço intenso pela décima vez nos últimos dez minutos. O tom de súplica na voz dela funciona direitinho. Estou a um passo do primeiro gostinho de liberdade que já tive na vida e, ao mesmo tempo, a apenas segundos de ceder e me atirar no banco de trás do carro. Eu a abraço de volta, um abraço mais apertado do que o normal.

Meu pai se inclina para a frente, seu rosto banhado na suave luz azul vinda do painel.

— Sophie, a gente odeia a ideia de deixar você aqui no Natal. Quem é que vai fiscalizar se eu estou fazendo as marquinhas de garfo nos cookies de manteiga de amendoim direito? Não sei se dá pra confiar na minha capacidade de fazer isso sozinho.

Eu rio e abaixo a cabeça.

— Tenho certeza, sim — digo. E tenho mesmo. A parte da despedida é difícil, mas não existe a menor possibilidade de eu passar uma semana e meia sofrendo na casa da Margot enquanto encaro partes inchadas do corpo dela.

Meus pais estão indo até Breaux Bridge, uma cidadezinha no sul da Luisiana a pouco menos de quatro horas daqui, para ficar com minha irmã e seu marido. Margot terá seu primeiro filho daqui a seis semanas, e ela desenvolveu pré-eclâmpsia sobreposta à hipertensão crônica, seja lá o que isso signifique. Tudo o que sei é que os pés dela acabaram ficando ridiculamente inchados. E sei disso porque Margot está tão entediada por estar de cama que já recebi fotos de seus pés de todos os ângulos imagináveis.

— Não é como se eu fosse ficar sozinha — continuo. — A Nonna, o Papa e todos os outros vinte e cinco membros da nossa

família vão me fazer companhia.

Meu pai revira os olhos e resmunga:

— Não sei por que eles têm que ficar em uma casa só o tempo todo.

Minha mãe cutuca as costelas dele. A quantidade de parentes que temos não é brincadeira. Ela é uma entre oito irmãos, e praticamente todos eles também tiveram vários filhos. A casa dos meus avós está sempre cheia de gente, mas no fim do ano ela vira a própria estação Grand Central. As camas e os lugares à mesa são concedidos de acordo com a idade; então, quando meus primos e eu éramos pequenos, nós sempre passávamos a véspera de Natal feito sardinhas, amontoados em um grande estrado no chão da sala, e cada refeição era um malabarismo entre o prato, o copinho descartável e o colo.

— Tem certeza que você não quer ficar com a Lisa? A casa dela vai estar mais tranquila — minha mãe sugere.

— Tenho. Vou ficar bem na Nonna e no Papa.

Vai *mesmo* estar mais tranquilo na casa da minha tia Lisa. Ela é irmã gêmea da minha mãe, três minutos mais velha, mas por causa disso a marcação das duas é igualmente cerrada. E não é isso que eu quero. O que quero é um pouquinho de liberdade. E um tempo sozinha com Griffin. As duas coisas são raras quando se vive numa cidade pequena com um pai que é delegado de polícia.

— Tudo bem. Seu pai e eu devemos voltar na tarde da festa de aniversário da Nonna. Aí a gente troca presentes. — Ela se agita no banco da frente; claramente não está pronta para ir embora. — Quer dizer, se os pais do Brad já não fossem estar lá, a gente não teria que ir. Você sabe como a mãe dele vive tentando reorganizar a cozinha e mudar os móveis de lugar. Não quero que a Margot fique toda nervosa, se perguntando o que aquela mulher está aprontando enquanto ela está de cama.

— E Deus me livre os pais *dele* cuidando da *sua* filha — provoco. Minha mãe protege demais as filhas. Foi só Margot mencionar que

os sogros estavam chegando para ela começar a fazer as malas.

— A gente podia esperar e ir de manhã — ela sugere ao meu pai. Ele balança a cabeça antes mesmo de ela terminar de falar.

— Vamos chegar mais rápido se sairmos hoje à noite. Amanhã é o sábado de véspera de Natal. As estradas vão estar um inferno. — Ele se inclina mais uma vez, me encarando. — Pode pegar suas coisas e ir direto para a casa dos seus avós. E ligue pra eles pra avisar que está chegando.

Esse é meu pai: bem direto. Esta é a primeira vez em anos que ele vai ficar longe da delegacia por mais do que alguns dias.

— Pode deixar. — Minha mãe me abraça mais uma vez e eu mando um beijinho para o meu pai. Depois, eles partem.

A lanterna traseira reluzente do SUV dos meus pais desaparece na estrada e uma enxurrada de emoções toma conta de mim – uma ansiedade boa, mas também uma leve pontada de nervoso na barriga. Tento ao máximo deixar isso de lado. Não que eu não queira estar com eles – já sinto um embrulho no estômago só de pensar em acordar na manhã de Natal sem meus pais –, mas simplesmente não tenho condições de passar minhas férias inteiras presa no apartamento minúsculo da Margot e do Brad.

Assim que volto para o quarto, a primeira coisa que faço é ligar para Nonna e avisar que vou chegar em algumas horas. Ela está distraída; dá para ouvir os clientes de sua floricultura aos berros no fundo, e chuto que só um terço do que eu falo está sendo absorvido.

— Dirija com cuidado, querida — ela diz. Enquanto desliga o telefone, posso ouvi-la gritando o preço da poinsettia para Randy na estufa, e abafa uma risadinha.

São seis horas, e é um trajeto curto de Minden para Shreveport, onde meus avós e o restante da família vivem. Nonna não vai me procurar até umas dez da noite, mais ou menos.

Quatro gloriosas horas todinhas para mim.

Eu me jogo na cama e encaro o ventilador de teto que gira lentamente. Mesmo já tendo dezessete anos, meus pais não gostam

que eu fique sozinha em casa. E quando consigo essa façanha, um desfile de fiscais costuma passar por aqui – só para "conferir se está tudo certo". É extremamente ridículo.

Tateando a cama até encontrar meu celular, ligo para Griffin para avisá-lo que vou ficar, mas depois de chamar oito vezes, a ligação vai direto para a caixa postal. Mando uma mensagem para ele e espero aqueles três pontinhos aparecerem. Não contei que estava tentando convencer meus pais a me deixarem ficar – não tinha por que deixar nós dois frustrados caso não desse certo.

Encaro a tela em branco por mais alguns segundos, então jogo o celular na cama e vou até minha escrivaninha – uma confusão de maquiagem, lápis de cor e esmaltes espalhados por toda parte. Quase todos os pedacinhos do mural pendurado na parede à minha frente exibe fichas novíssimas para cada faculdade que cogito entrar. Há uma lista organizada por cores dos prós (verde) e contras (vermelho) em cada uma das fichas, além de todos os requisitos de inscrição. Algumas têm uma grande sequência de "o.k.s" em verde, o que significa que eu já atendi a todos os requisitos e fui aceita, mas ainda estou esperando a resposta da maioria. Eu o chamo de Mural da Inspiração, mas minha mãe o apelidou de Mural da Obsessão.

Olho para a primeira ficha que pendurei no começo do primeiro ano: LSU. Lá no início, achei que essa seria a única faculdade que chegaria ao mural. Mas, depois, percebi que não podia descartar nenhuma opção.

Meu celular toca e eu olho para a cama. É só uma notificação de que alguém curtiu meu último post – nenhuma resposta de Griffin.

Observo as fichas em branco empilhadas na minha escrivaninha e, por meio segundo, cogito fazer uma lista sobre ele. Estamos juntos há mais ou menos um ano e a escola costuma ser nosso maior foco, mas com as férias de duas semanas pela frente, sem provas ou trabalhos para nos preocuparmos, a ideia de ficar sozinha aqui com ele me deixa empolgada. Embora a gente esteja indo devagar, seria mentira dizer que não pensei em dar esse novo passo no

relacionamento.

**VERDE:** *Juntos há quase um ano*

*Estamos no último ano e temos quase dezoito*

**VERMELHO:** *Ainda não dissemos “te amo”*

*Não sei se estou pronta pra dizer “te amo”*

Minha mãe com certeza não gostaria de ver essa lista pendurada ali, então resisto ao impulso.

Meu celular toca de novo. Sinto o coração acelerar quando vejo a notificação de mensagem, mas, ao conferir a tela, vejo outra foto de Margot.

Abro a imagem e a encaro por alguns minutos. Alguém precisa confiscar o celular dela.

**EU:** ?????? O que que é isso???

**MARGOT:** É um close dos meus pés. Tem zero espaço entre os dedos. Não consigo mexer nem separar eles. Parecem linguicinhas.

**EU:** E se eles nunca mais voltarem ao normal?? E se você ficar com dedos de linguixa pra sempre? E se você nunca mais puder usar chinelos porque não consegue colocar aquele negocinho de plástico entre os dedos? Você vai humilhar seu filho com esses pés.

MARGOT: Acho que dedos do pé de linguíça é melhor do que dedos da mão. Talvez eu tenha que usar aqueles sapatos ortopédicos horríveis que a tia Toby usava.

EU: Acho que dá pra customizar. Talvez escrever seu nome com aquela tinta caseira nos dois lados. Seriam lindos sapatos pra dedos de linguíça.

MARGOT: Agora você me deixou com vontade de comer linguíça.

EU: Você é nojenta. E me traumatizou pra sempre. Eu nunca vou engravidar por medo de dedos de linguíça e sapatos ortopédicos customizados.

Poucos minutos depois, ela me responde.

MARGOT: A mamãe acabou de me mandar mensagem dizendo que você não vem!!! Como assim, Soph??? Você ia me salvar dessa queda de braço entre ela e a Gwen. Você sabe como elas ficam quando estão juntas!!

EU: Vou ter que te deixar sozinha nessa. Eu espero

de verdade que elas disputem pra ver quem vai limpar a sujeira entre os seus dedos de linguíça. Talvez até tenham que usar fio-dental.

**MARGOT:** Você me fez ter uma imagem mental que nunca vou conseguir esquecer. Eu te amaldiçoo a ter dedos de linguíça pro resto da sua vida!

**EU:** Eu vou aí quando o bebê nascer.

**MARGOT:** Promete??

**EU:** Prometo.

**MARGOT:** E aí, o Griffin já chegou?

**EU:** Não é da sua conta.

**MARGOT:** Ah, dá um tempo. Quer dizer, melhor não dar nada.

**EU:** Ha. ha.

Olho todas as minhas redes sociais, enrolando enquanto espero Griffin me ligar. Meu celular finalmente toca, e o nome dele aparece na tela. Nem tento esconder o sorriso que se abre no meu rosto.

— Oi! — ele grita por cima da música alta e da barulheira ao fundo.

— Oi! Cadê você? — pergunto.

— Na casa do Matt.

Já vi vários posts do pessoal socializando no quintal e na casa de hóspedes do Matt, inclusive Addie, minha melhor amiga desde a terceira série.

— Você está indo pra Margot? — ele pergunta.

— Mudança de planos. Vou ficar com os meus avós. Mas só tenho que ir pra lá daqui a algumas horas.

— O quê? Quase não dá pra te ouvir — ele diz em voz alta.

— Mudança de planos! — eu grito. — Vou ficar por aqui.

Consigo ouvir a batida contínua do baixo, mas não sei dizer qual música está tocando.

— Não acredito que seu pai não te obrigou a ir — ele diz.

— Né? Quer vir pra cá? Ou eu posso ir pra casa do Matt.

Ele fica em silêncio por um segundo antes de dizer:

— Vem pra cá. Está todo mundo aqui.

Sinto uma pontada de decepção.

— Tá, a gente se vê daqui a pouquinho — respondo, depois desligo.

Tem muito mais gente na casa do Matt do que eu esperava. Hoje foi o último dia de aula antes das férias de fim de ano, e parece que todo mundo está pronto para comemorar. Deve ter um milhão de luzes penduradas pela casa, arbustos e árvores. Sério, tem luz em qualquer coisa que fique parada por tempo o suficiente.

A maioria das pessoas está de camiseta e short, mas mesmo com toda a decoração, é difícil entrar no clima festivo. Espantar

mosquitos o tempo todo não tem muita cara de férias de inverno. Porcaria de tempo da Luisiana.

Estaciono meu carro quatro casas antes, na vaga mais próxima que consigo achar. Mesmo dessa distância, já dá para ouvir a batida grave do baixo lá do quintal. Eu não ficaria surpresa se os vizinhos chamassem a polícia daqui a uma hora. Espero que a gente já tenha ido embora até lá; seria difícil explicar por que eu estava aqui e não a caminho da casa dos meus avós quando um dos policiais inevitavelmente ligasse para o meu pai.

Quando chego na casa de Matt, vejo um garoto e uma garota sentados na grama perto da garagem, e eles parecem estar discutindo. O drama não costuma começar tão cedo assim. Os dois ficam quietos quando notam minha presença e eu acelero o passo, tentando dar privacidade ao casal. Seguindo a música, vou até o quintal que dá para a casa de hóspedes. Quando estou prestes a contornar a casa, sinto alguém puxar meu braço.

E então sou engolida em um abraço que me deixa sem fôlego.

— Achei que você não viesse! — Addie grita tão alto que várias pessoas se viram na nossa direção.

— Acredita que eu consegui convencer meus pais a irem sem mim?

— Mentira! Você vai ficar na Nonna? — Ela faz um beicinho. — Mesmo assim, eu mal vou te ver!

Dou uma risada.

— Vai ver, sim. Eu tenho um plano. A Nonna vai estar tão ocupada durante o dia que nem vai sentir minha falta. Aí eu volto pra cá e a gente faz alguma coisa.

— Seus pais vão surtar se descobrirem. A gente vai ter que esconder seu carro. — Addie dá pulinhos. — Ah! E traz a Olivia. Não vejo ela há milênios.

Faço que sim, embora eu duvide que ela vá querer vir comigo. Olivia é uma entre meus vários primos e filha da irmã gêmea da minha mãe, Lisa. Nossa diferença de idade é de apenas dois meses, e

nós éramos bem próximas quando mais novas, mas temos nos visto cada vez menos nos últimos dois anos.

— A Olivia está ajudando a Nonna na loja. Não sei se ela consegue escapar.

Os olhos de Addie se iluminam; então ela começa a me arrastar para a casa de hóspedes.

— A gente só precisa dar um jeito de resgatar ela de lá.

— Você viu o Griffin? — pergunto, deixando o assunto da Olivia de lado.

— Ainda não, mas o Danny e eu chegamos agora. Talvez ele esteja lá dentro. — Ela mexe a cabeça na direção da casa de hóspedes. — Quer uma cerveja?

— Não, tenho que dirigir para a casa da Nonna daqui a pouco. Vou arranjar uma garrafa d'água em algum lugar — respondo enquanto nos separamos. Addie segue na direção do barril escondido nos arbustos e eu tento atravessar a multidão. A música está tão alta do lado de dentro que as primeiras pessoas com quem falo não ouvem nada.

Finalmente consigo atravessar a sala e encontrar alguns amigos de Griffin.

— Sophie! E aí, tudo bem? — Chris grita e tenta me abraçar. Ele já está só de regata branca e cueca boxer. Eu estico o braço para mantê-lo a uma distância segura. Chris é o cara que sempre dá um jeito de ficar seminu nas festas. No baile de Halloween da escola, ele foi vestido de caubói, mas, no fim da noite, tudo que restou da fantasia foi um par de perneiras que iam até sua cueca. Ele ganhou uma semana de suspensão por atentado ao pudor.

— Tranquilo. Cadê o Griffin? — pergunto, me virando depois para vasculhar o local.

Chris sacode a mão atrás de si.

— Em algum lugar por ali. Foi procurar cerveja.

Aceno com a cabeça e vou atrás dele. É difícil avançar em meio à multidão, mas finalmente consigo ver Griffin entrando na pequena

cozinha nos fundos da casa de hóspedes. Demoro alguns minutos para alcançá-lo, porque tropeço no meio de uma rodinha de dança e Josh Peters não me deixa sair sem me girar algumas vezes. Quando estou prestes a fazer a curva para a cozinha, onde a música está bem mais baixa, ouço Griffin dizer:

— A Sophie está vindo.

Não é a frase em si que me faz parar. É a forma como ele diz. Cheia de decepção.

Parker, um dos melhores amigos de Griffin, tira duas cervejas da geladeira. Nenhum dos dois nota minha presença do outro lado da porta.

— Ela não ia para a casa da irmã ou alguma coisa assim? — Parker pergunta.

— Ela ia. Mas não vai mais.

Ele está tão chateado por eu ter ficado, como se eu tivesse estragado suas férias. Percebo no tom de voz dele aquela sensação horrível – quando você está ansioso demais por alguma coisa, como se fosse explodir de tanta felicidade, e depois arrancam isso de você. Foi isso que senti quando achei que não fosse passar o fim de ano aqui.

E é isso que ele parece sentir depois de saber que vou ficar.

*O que está acontecendo?*

Griffin começa a se virar e eu me escondo em um canto. Por que estou me escondendo? Eu deveria entrar e exigir uma resposta. Mas estou paralisada. Conto até cinco e, devagar, olho para a cozinha de novo.

— Ela vai chegar a qualquer momento — ele diz, mas continua parado onde está.

Parker abre uma das cervejas e a oferece a Griffin.

— Então, qual é o problema? — Parker pergunta. Ele obviamente também percebeu a decepção na voz do amigo.

Griffin dá de ombros.

— Vou parecer um merda falando isso, mas eu meio que estava

feliz por ela ficar fora esses dias. Ia ser tipo um teste pra eu saber como seria se a gente terminasse, sabe?

Meu coração acelera.

— Você quer terminar com ela? — Parker pergunta, depois dá outro gole em sua cerveja.

Griffin dá de ombros de novo. Minha vontade de gritar é quase incontrolável.

— Acho que sim.

Minha respiração fica ofegante. Parker e Griffin se viram na direção da porta. Parker arregala os olhos, olhando de mim para Griffin.

Por uma fração de segundo, Griffin tenta descobrir se eu ouvi o que ele disse. Mas a expressão no meu rosto deixa óbvio que sim.

Eu me desequilibro, esbarrando na parede atrás de mim antes de sair correndo.

Preciso ir embora. Não consigo olhar para ele. Não consigo ficar aqui.

— Sophie! — Griffin me segue, mas eu desvio e me esquivo até chegar à porta. Acho que não vou conseguir sair antes de as lágrimas começarem a escorrer. Então Addie vê meu rosto e passa voando por todos para me tirar da casa de hóspedes.

— O que aconteceu? — ela me pergunta assim que chegamos do outro lado da piscina.

Eu me jogo no chão e conto tudo para ela.

— Aquele babaca... — Addie diz. Ela se vira, como se fosse persegui-lo.

— Por favor, me ajuda a sair daqui — eu imploro.

Ela se volta para mim.

— Claro. Vamos embora.

Addie me levanta do chão e nós abrimos caminho em meio à paisagem. As lágrimas estão escorrendo pelo meu rosto, e eu não faço nenhum esforço para impedi-las.

Meu coração está dilacerado.

Mais do que dilacerado.

Reduzido a pó.

*Ele quer terminar comigo.*

— Esse cara é inacreditável — Addie murmura. — *Ele vai terminar com você?* Dane-se. Ele tem é sorte de ter você!

Não tenho palavras para respondê-la. Não sei se um dia vou ter.

Assim que chegamos na garagem, vemos Griffin. Ele está correndo pela calçada e procurando pela rua.

— Não consigo falar com ele agora — digo com a voz embargada. Addie faz que sim e me esconde nas sombras antes de sair para confrontá-lo.

— Não. Não mesmo — Addie diz. — Ela não quer falar com você.

Uma das luzes instaladas no beiral da casa ilumina o rosto de Griffin. Ele parece péssimo.

Culpado, com certeza, mas também há tristeza naqueles olhos.

— Por favor, Addie. Eu preciso falar com ela. — Ele semicerra os olhos para a escuridão onde estou escondida. — Por favor, Sophie. Fala comigo. Me deixa explicar. Eu me expressei mal.

Dou um passo para trás. Não quero estar perto dele... não quero ouvir suas desculpas. Corro por trás de uma fileira de azaleias até o jardim da frente e tropeço várias vezes, tentando aumentar a distância entre nós.

Espero que Griffin não me siga. Uma pequena parte de mim quer pegar o que ouvi e distorcer até se tornar algo que não me destrua. Mas é impossível deixar de ouvir a decepção na voz dele. Não importa o que ele diga, ele não queria me ver. Não queria estar aqui comigo.

Quando consigo chegar no meu carro, estou arrasada. Ouço passos fortes atrás de mim, então me preparo.

— Sophie, por favor, fala comigo? — Griffin implora.

Estou virada na direção do carro. Ele está logo atrás de mim, e sei que Addie está em algum lugar atrás dele.

Meus lábios se contraem.

— Eu estava tão animada pelos meus pais terem me deixado ficar em casa, porque só conseguia pensar em como ia ser divertido a gente ficar junto. Só eu e você. Era só isso que eu queria. Mas você quer um tempo. Longe de mim. Não é? Você não estava ansioso pra isso?

Ele coloca a mão no meu ombro delicadamente e diz:

— Vira pra mim e fala comigo.

Eu afasto a mão dele.

— É isso que você quer?

Consigo sentir seu esforço para encontrar as palavras certas.

— Eu não sei o que eu quero, Soph. Está tudo muito confuso agora. As coisas ficaram sérias demais entre a gente. Estamos no último ano do colégio. A gente devia estar se divertindo!

Eu me viro depressa.

— Bom, deixa eu facilitar as coisas pra você. Você quer um tempo? Pronto. Acabou.

Griffin estica o braço em minha direção, mas eu me esquivo. Ele parece agitado, e só consigo pensar que é pelo modo como tudo está acontecendo. Ele não teve seu período de teste primeiro.

— Espera, Sophie. A gente pode conversar? Eu te amo. De verdade.

Suas palavras me atingem como um golpe. Eu esperei e desejei que ele me falasse isso durante meses.

Não consigo lidar com isso.

Não consigo continuar aqui.

— Por favor, fica e conversa comigo — Griffin implora. Eu me viro e entro no carro.

Ele finalmente volta para a calçada quando eu ligo o motor, e Addie corre até a janela.

— Deixa que eu levo você.

Eu me esforço para dar um sorriso.

— Estou bem. Te ligo mais tarde, tá? Amo você.

Ela se estica pela janela e me dá um abraço rápido.

— Também amo você.

Por sorte, Griffin mantém distância.

Em poucos minutos, estou na I-20 em direção a Shreveport.

Quando chego na casa da Nonna, estou em frangalhos. Confiro minha aparência no espelho retrovisor e quase dou um grito para a desconhecida toda borrada de rímel que me encara de volta. Meu nariz está vermelho, meus olhos estão inchados e tenho quase certeza de que tem catarro seco grudado na minha camisa.

Felizmente, quase todas as luzes estão apagadas, então é bem provável que só meus avós estejam aqui. Nessa casa, não é incomum passar por cima de gente dormindo assim que se entra pela porta. Dos oito filhos que eles tiveram, seis moram aqui em Shreveport, quatro deles a poucos quarteirões de distância. É de se esperar que eles voltem para suas próprias casas toda noite, mas nem sempre é o caso. Hoje, no entanto, tudo parece tranquilo.

Estaciono o carro na rua e pego minha mala no banco de trás, mas só consigo chegar até os degraus da frente antes de desmoronar. Não posso entrar desse jeito. Nonna vai ligar para os meus pais, e eles vão ficar furiosos se souberem que eu não vim direto para cá. Mas também vão ficar chateados por causa de Griffin. Eles o amam. Mesmo com todas suas regras malucas, eles já o tratam como se fosse parte da família.

Usando minha mala como travesseiro, eu me deito nos degraus escuros e encaro a lua cheia. Uma grande parte de mim quer apenas se aninhar no colo da minha mãe e chorar.

Um ano. Esse foi o tempo que perdi com Griffin. Uma droga de um ano inteirinho.

O que foi que eu deixei passar? Nós dois estávamos concentrados na escola. Nós dois estávamos ansiosos para a faculdade, tentando garantir que passaríamos para aquelas que queríamos. Pensei que

nós dois estivéssemos felizes com nosso relacionamento.

Mas aparentemente ele não está *se divertindo* comigo.

— Você vai ficar aí a noite inteira ou vai entrar e me dizer o que aconteceu?

Eu quase caio do degrau quando o rosto da minha avó surge sobre o meu.

— Nonna! — Eu dou um salto e tropeço direto nos braços dela, quase derrubando nós duas.

Ela desliza a mão pelas minhas costas, para cima e para baixo. Eu começo a chorar tudo de novo.

— Meu Deus, entre e me conte tudo.

Entramos na casa de mãos dadas e vamos direto para a cozinha. O coração da casa. É um espaço amplo e aberto, com uma bancada e vários armários. A geladeira é uma daquelas gigantes de aço inoxidável, cheia de fotos, e eu sei que se abrir a porta, as prateleiras estarão lotadas de comida. Em um dos lados da bancada há uma fileira de banquetas, e uma grande mesa de madeira se estende diante de uma fileira de janelas que dão para a casa do vizinho. E sempre há um vaso com flores frescas bem no meio.

É meu cômodo favorito.

Nonna me leva até uma das banquetas e me serve uma fatia do bolo de chocolate mais tentador que já vi. Aqui as guloseimas nunca estão em falta, e hoje certamente não é exceção.

— Eu não acho que você esteja chorando porque seus pais viajaram, então imagino que seja por causa daquele menino. Como é o nome dele mesmo?

— Griffin — murmuro.

— Isso, Griffin. Diz pra mim o que aconteceu.

Faço uma pausa antes de dar uma mordida no bolo. Sempre fui bem próxima da Nonna, mas nós nunca falamos sobre minha vida amorosa.

Ela percebe minha hesitação e diz:

— Eu criei quatro filhas. Pode acreditar, já ouvi muitas histórias

de fim de namoro sentada nesse mesmo lugar.

Deixo escapar uma risada constrangida. Nonna se orgulha de sua habilidade de resolver os sufocos quando se trata da nossa família – não importa o tamanho do problema. É mais forte do que ela.

Ela me serve um copo de leite, e eu a observo se movimentar pela cozinha. Nonna vai fazer setenta e cinco anos em pouco mais de uma semana, mas não aparenta nem um pouco a idade que tem, graças ao número irrelevante de cabelos brancos e à sua fiel rotina de cuidados com a pele. E ela ainda é forte o suficiente para carregar sacos enormes de substrato e adubo para as plantas do viveiro, embora Papa faça um escândalo.

Respiro fundo.

— Eu disse que estava na casa da Addie, mas fui pra outro lugar. Um amigo nosso estava dando uma festa. Queria ver o Griffin antes de vir pra cá. Eu ia fazer uma surpresa pra ele e dizer que ficaria por aqui nas férias.

Nonna arqueia as sobrancelhas.

— Ah, não... Isso quase nunca termina bem.

Seguro o riso.

— Pois é.

Nonna se acomoda do meu lado e dá uma grande mordida em seu próprio pedaço de bolo enquanto conto tudo. Quando termino, ela faz círculos com os dedos nas minhas costas e eu me aninho nela.

— Sophie, meu bem, eu sei que isso parece o fim do mundo agora, mas não é. Foi melhor ter descoberto logo como o Griffin se sente e não perder mais tempo com ele.

Ela me dá um guardanapo e eu enxugo as lágrimas.

— Mas eu achei que a gente quisesse as mesmas coisas.

— As coisas mudam o tempo todo. Talvez parecesse que vocês dois estavam seguindo a mesma direção, quando na verdade não estavam.

Assim que termino o bolo, ela me leva para o quarto de hóspedes no andar de cima.

— O quarto é todo seu até os seus pais voltarem. Amanhã você pode me ajudar na loja. Enquanto estiver ocupada, vai parar de pensar em outras coisas. E a Olivia vai ficar feliz em ter companhia. Ela tem andado chateada agora que todo mundo está de férias e ela tem que trabalhar.

Deixo Nonna me colocar na cama e me mimar como fazia quando eu era uma menininha. É muito melhor do que eu me lembrava.

Ela beija minha cabeça e diz:

— Tudo vai parecer melhor amanhã.

SÁBADO, 19 DE DEZEMBRO

**Detesto chamar Nonna de mentirosa**, mas o amanhã chegou e tudo continua horrível. Chorei tanto que agora mal consigo abrir os olhos de tão inchados, e estou com uma dor de cabeça que simplesmente não passa.

Dou uma olhada no celular. Tenho trinta e duas chamadas perdidas e mensagens.

Desço a tela até chegar no nome de Addie e mando uma mensagem rápida: Estou bem. Ligo pra você daqui a pouquinho.

Depois, pulo as mensagens de Griffin e abro a conversa com Margot.

**EU:** Está acordada, Dedos de Linguíça?

**MARGOT:** Claro que estou. Estou encalhada na cama o dia inteiro. Mas não consigo achar uma posição confortável pra dormir. Como estão as coisas aí na Nonna?

**EU:** Tudo tranquilo. Elas já limpam seus dedos de linguíça?

**MARGOT:** Para!!!

**EU:** Foi você que começou, com aquelas fotos nojentas.

**MARGOT:** Mudando de assunto, me fala da comida. O que a Nonna preparou ontem à noite? As mães aqui não me deixam comer nada que não seja orgânico ou não transgênico.

**EU:** Bolo de chocolate com três camadas, cobertura de chocolate e raspas de chocolate por cima. Eu comi um pedaço enorme.

**MARGOT:** Você é ridícula. Eu daria tudo da minha conta bancária se você trouxesse um pedaço pra mim.

**EU:** Eu sei das compras on-line que você anda fazendo, então imagino como deve estar sua conta bancária, e não é suficiente.

**MARGOT:** Ah, cuidado caso você fale com o papai mais tarde. Ele ficou bravo por você não ter ligado quando chegou aí.

Droga! Esqueci completamente que tinha que avisar.

**EU:** Muito bravo? Tipo bravo como no dia que a gente quebrou a janela da frente tentando transformar o carro da Barbie em uma nave espacial?

**MARGOT:** Hahaha! Não tanto. Ele ligou pra Nonna e ela disse que você estava no banho.

Devo essa à Nonna. Ela salvou minha vida.

**EU:** Não quero admitir isso porque você nunca vai superar... mas eu meio que queria estar aí com você e seus dedos de linguíça.

Esfrego o rosto para limpar as lágrimas. Eu ainda poderia entrar no carro e ir para lá hoje de manhã. Embora eu saiba que vá ouvir um monte se fizer isso, pelo menos poderia me esconder sorrateiramente na cama de Margot e só sair depois do Natal.

**MARGOT:** Eu também queria que você estivesse aqui. Mas você ia ficar péssima. Eu estou péssima. O Brad está péssimo. Até o cachorro está péssimo. Você fez bem de ficar aí com a Nonna e o Papa.

Tento não ficar decepcionada. Sei que ela me receberia de braços abertos se eu pedisse mesmo para ir. Mas meu mau humor sem dúvida a deixaria pior ainda.

**MARGOT:** Está tudo bem?

**EU:** Aham. Estou bem. Falo com você mais tarde.

Não sei por que não falei nada sobre Griffin. Talvez meu medo seja que, se eu contar a ela o que aconteceu, tudo vire uma verdade imutável. Ou talvez eu saiba que minha irmã já tem coisas demais para se preocupar no momento. Ela está tentando bancar a durona, mas está preocupada com o bebê.

Desligo o celular, ignorando o resto das mensagens e as chamadas perdidas, e o jogo na gaveta da mesa de cabeceira. Não tenho condições de lidar com isso agora.

Quando chego no banheiro, meu reflexo é ainda mais assustador do que pensei que seria. Eu fico horrível quando choro. O avermelhado ao redor dos meus olhos faz com que eles pareçam mais escuros do que o normal, e minha pele, que normalmente é bronzeada, está com um aspecto pálido, como se eu estivesse doente. Eu me revirei tanto na cama durante a noite que destruí todos os cachos macios que demorei uma eternidade para arrumar quando pensei que Griffin fosse ficar animado em me ver. Agora meus longos cabelos pretos se transformaram num emaranhado encardido.

Mas, assim que saio do banho e seco o cabelo, sinto-me um pouco melhor. Numa escala que vai do normal até o desastre completo, estou em algum lugar próximo do pateticamente aceitável. Por fim, atravesso o corredor devagar, em direção ao coro de vozes que vem da cozinha, e me preparo para o ataque.

A família está aqui.

Minha família é um grupo selvagem. Meu avô é nascido e criado na Sicília. Ele deveria ter voltado para casa depois de passar um tempo nos Estados Unidos, mas acabou se apaixonando pela minha

avó. Segundo dizem, a mãe do meu avô quase causou um incidente internacional quando descobriu que ele ia ficar na Luisiana. O que a impediu foi saber que a família da Nonna veio de uma cidadezinha perto da deles.

Meu pai sempre sofre quando vem aqui. Ele é filho único e não tem uma família grande, então às vezes ele diz se sentir entrando numa zona de guerra. Para mim não é tão ruim, mas como somos a única parte da família – além do meu tio Michael – que não mora em Shreveport, me sinto meio que uma forasteira.

Mas nem sempre foi assim. Quando eu era pequena, passava quase todos os verões e feriados aqui, cercada de primos e de crianças da vizinhança. Parecia uma colônia de férias. Eu era bem próxima de Olivia, do nosso primo Charlie e do melhor amigo dele, Wes, que mora na casa vizinha. Tio Bruce, pai de Olivia, até nos chamava de Quarteto Fantástico. Mas, quanto mais crescemos, mais nos afastamos. Eles três foram para a mesma escola, faziam parte dos mesmos grupos e torciam para o mesmo time. Então eu também me envolvi com meus grupos e com meu time. Não demorou muito até minhas visitas se tornarem cada vez mais curtas e espaçadas.

Tia Maggie Mae olha para mim assim que entro na cozinha.

— Ah, olha ela aí! Nossa Senhora, você fica mais parecida com sua mãe toda vez que eu te vejo!

Sabe aquela gente que faz piada com o jeito como o pessoal do sul dos Estados Unidos fala? A fonte delas só pode ser minha tia. Maggie Mae, que é casada com o irmão da minha mãe, Marcus, foi uma autêntica Dama do Sul na juventude, usando vestido branco e tudo mais quando foi apresentada à sociedade. E ela nunca deixa ninguém se esquecer disso.

Ela me aperta contra seu peito e eu morro de medo de me sufocar em seus seios enormes.

— Deus te abençoe, meu docinho. Fiquei sabendo que está de coração partido. Aquele garoto tem um parafuso a menos na cachola.

— Hm... obrigada, tia Maggie Mae. — Eu acho.

Em questão de minutos, eu passo de mão em mão ao redor da cozinha e recebo vários beijos na bochecha, na testa e até na boca (da tia Kelsey, que não tem a menor noção de espaço pessoal). Deslizo até uma das banquetas quando as tias retomam a discussão sobre qual salada de ambrosia é melhor – a da tia Kelsey, que faz do jeito clássico, ou a da tia Patrice, que faz com gelatina – e qual deve ser servida no Natal.

Eu sou totalmente contra ambrosia, mas guardo essa opinião para mim.

Tia Maggie Mae tem quatro filhos: duas gêmeas que têm quase a minha idade e dois gêmeos que são bem mais novos. As garotas, Mary Jo e Jo Lynn, me dão um tchauzinho constrangido do outro lado da cozinha, e eu respondo com um aceno ainda desengonçado. Quando elas eram pequenas, quase todas as suas roupas combinavam, exceto pelas estampas das suas iniciais. Até hoje, aos dezoito anos, elas ainda usam looks *coordenados*. É ridículo. As duas são um ano mais velhas do que Olivia, Charlie e eu, mas estamos todos na mesma série. Charlie as chama de “Meninas Malvadas” desde os doze anos, quando elas o trancaram do lado de fora do apartamento que estávamos dividindo na Flórida usando apenas uma cueca de *Star Wars*. Para ser sincera, ele não tinha que estar usando uma cueca desse tipo àquela altura. Imagine a cena: pequena. E apertada. Um grupo de adolescentes com quem ele estava flertando a semana inteira o viu naquele estado, e com certeza foi a coisa mais engraçada que elas já presenciaram na vida. Pelo resto da semana, as garotas davam risadinhas toda vez que Charlie chegava perto.

Ele nunca superou esse incidente.

Minha tia Lisa, irmã gêmea da minha mãe, e o filho, Jake, também estão aqui.

— Soph, querida! É tão bom ver você! — Tia Lisa é tão parecida com a minha mãe que é difícil não chorar quando a vejo.

— Também estou feliz em ver você. — Eu lhe dou um abraço mais demorado que o normal. Até seu cheiro é parecido com o da

minha mãe. — Cadê a Olivia?

— Já está na loja — ela diz. — Soube que a Nonna colocou você pra trabalhar lá durante as férias.

— É claro que ela ia fazer isso — respondo com um sorriso.

Jake me cutuca e diz:

— Eita, cara. Você está acabada.

Tia Lisa dá um tapa em sua nuca.

— Jake, deixa de ser idiota.

Ele ri e sai mancando em busca de um lugar para se sentar à mesa. Jake quebrou o pé enquanto fazia alguma burrice no alojamento da sua fraternidade na LSU, provavelmente envolvendo lugares altos e visões de grandeza, e agora tem que usar uma daquelas botas imobilizadoras.

Charlie abre caminho até onde estou sentada e eu pulo da minha banquetta, sorridente, quando ele se aproxima. Não o vejo há milênios. Ele para por um segundo antes de me dar um abraço sem entusiasmo. Fico um pouco surpresa com sua hesitação, mas meus braços o envolvem na mesma hora, e me sinto melhor do que estive a manhã inteira.

— Você está bem? A Nonna me disse o que aconteceu com o Griffin — Charlie diz quando eu finalmente o solto.

Claro que a Nonna contou para ele. A essa altura, é bem provável que ela já tenha contado para todo mundo.

— Estou bem, sim.

Ele se senta na banquetta do meu lado.

— Tirando os problemas com o namorado, como estão as coisas?

Dou de ombros.

— Tudo certo, eu acho. Ando bem ocupada. E você?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Tudo bem. Ocupado também.

Charlie fica em silêncio e eu quebro a cabeça para pensar em alguma outra pergunta para fazer. Nossa, quando foi que conversar com ele ficou tão difícil?

Antes que eu consiga pensar em alguma coisa, ele diz:

— Bom, a gente está planejando fazer alguma coisa depois do jantar de família hoje à noite, se você for ficar por aqui.

Tomo um gole muito grande de café e começo a tossir quando engasgo com a bebida quente.

— Jantar de família hoje à noite? — Eu arfo. Se todo mundo realmente já souber que meu namorado quis me dar um pé na bunda, não sei se consigo lidar com os olhares de pena que certamente vou receber.

Charlie sorri.

— Ah, você sabe. A Nonna não precisa de muito pra querer reunir todo mundo, e sua visita com certeza pede a mesa extra. A gente pode ir pra casa do Wes depois pra fugir do tumulto.

Wes mora na casa ao lado e sempre esteve mais para irmão do que amigo de Charlie, basicamente porque Charlie passou metade da infância na casa dele. Os pais do meu primo se conheceram quando trabalhavam para o Médicos Sem Fronteiras nas Filipinas — país de origem de tia Ayin —, e os dois ainda dispõem do próprio tempo sempre que são chamados. Charlie e Sara ficam na casa da Nonna quando os pais viajam, o que significa que ele quase sempre vai parar na casa do Wes.

— A gente faz a Olivia ir também — ele diz. — O Quarteto Fantástico... que nem nos velhos tempos.

Um nervosismo toma conta de mim, mas eu respondo:

— Claro! Vai ser divertido.

Charlie sorri e pega um muffin. Ele vai embora antes que eu possa mudar de ideia.

Nonna põe uma fatia de quiche na minha frente e me dá um abraço apertado.

— Está melhor hoje? — ela sussurra.

Eu faço que sim enquanto ela me serve mais café.

— A gente vai para a loja daqui a uma hora, tá?

— Tudo bem — respondo. Não é como se eu tivesse outras coisas

para fazer agora.

A loja nada mais é que uma velha casa em um bairro que foi se tornando cada vez mais comercial ao longo dos anos. A maioria das empresas preferiu demolir as casas e reconstruir do zero, mas Nonna e Papa mantiveram a adorável casinha azul do mesmo jeito que a encontraram. Agora a maior parte do quintal dos fundos é ocupada por estufas, enquanto a parte de dentro é repleta de produtos de jardinagem, estátuas e outros tipos de decoração para quintais e jardins. O lugar tem um clima aconchegante que funciona muito bem.

Quando éramos mais novos, brincávamos de esconde-esconde na estufa dos fundos e ajudávamos a plantar flores nos canteiros da fachada. A onda de nostalgia quase me derruba quando começo a atravessar o caminho da frente.

Antes de sumir pelo portão lateral em direção aos fundos, Nonna aponta para a varanda.

— A Olivia já deve estar lá dentro. Você pode ajudar no balcão hoje?

Eu faço que sim e paro na frente dos largos degraus que levam até a varanda. Tem poinsetias vermelhas revestindo cada um deles, e uma enorme guirlanda feita de folhagens pendurada na porta da frente com um laço vermelho. As chamas dos lampiões de cada lado da entrada piscam e dançam, e posso jurar que sinto cheiro de biscoito de gengibre.

Grande parte de mim não quer atravessar a porta, por mais festiva que esteja. Faz muito tempo que não fico sozinha com Olivia e, de repente, fico nervosa.

Respiro fundo e abro a porta. Olivia está carregando um saco enorme de substrato para plantas até uma mesa velha e arranhada que fica no canto. Parece que ela está replantando alecrins em vasos decorativos.

— Oi! — digo. Eu devo tê-la assustado, porque ela deixa o saco cair e uma nuvem de poeira se ergue entre nós duas. Senti mais falta de Olivia do que imaginava, e minha relutância desaparece. Sigo em frente e jogo meus braços ao redor dela em um abraço apertado.

Assim como Charlie, ela também hesita antes de me abraçar de volta.

— Soph — ela diz no meu ouvido. — O que você está fazendo aqui?

Eu me afasto e examino o rosto dela. Nós duas tossimos, e começo a sacudir as mãos para limpar o ar à nossa volta.

— Vou ficar com a Nonna enquanto meus pais visitam a Margot. Estou surpresa por sua mãe não ter falado nada.

Ela assente.

— Ela falou. Só não esperava ver você *aqui*.

— Está tudo bem? — pergunto. Pelo visto as coisas vão *mesmo* ser esquisitas entre a gente.

Ela parece prestes a dizer alguma coisa, mas para assim que ouve Nonna resmungar.

— Meu Deus! — ela diz, olhando para nós duas, e depois encara a bagunça no chão. — Bom, não fiquem aí paradas se olhando. Vão pegar uma vassoura.

E então, mãos à obra.

Já é quase noite quando Olivia e eu saímos da loja. Todas as casas pelas quais passamos estão cheias de luzes, e o trânsito está intenso — pessoas fazendo compras ou a caminho de confraternizações.

— Está pronta pra conversar sobre isso? — Olivia pergunta enquanto dirige.

Por um segundo, penso que ela está falando sobre o que quer que tenha acontecido para as coisas terem ficado estranhas entre nós, mas então ela diz:

— Me fala o que rolou com o Griffin.

Faço uma careta. Trabalhamos demais hoje, e Nonna estava certa: eu precisava me distrair dele. Mas agora me forço a reviver tudo em minha cabeça.

— Bom, lá estava eu numa festa. — Começo a cutucar as unhas e repasso a história toda de novo. Não importa quantas vezes eu a conte, não fica mais fácil. E se conversar com Olivia está sendo tão difícil assim, voltar para a escola vai ser mil vezes pior. Vou precisar de um milagre de Natal para que nosso término já seja fofoca velha quando eu andar pelos corredores sem Griffin ao meu lado.

— Ah, Sophie. Eu sinto muito — Olivia diz. — Ele falou mesmo que você não é divertida? — Pelo tom da sua voz, posso sentir que ela está tão surpresa quanto eu.

Deixo escapar um suspiro e digo:

— Foi o que ele insinuou.

Olivia fecha a cara.

— A Sophie que eu conhecia era superdivertida. *Ele* que claramente é o problema.

Minha cabeça começa a girar na parte do “a Sophie que eu conhecia”. O que isso significa? Mas antes que eu possa perguntar, ela diz:

— Bom, agora você está aqui, e a gente não vai deixar o Griffin estragar tudo. Vamos encontrar alguma coisa divertida pra fazer enquanto você estiver por aqui, que nem nos velhos tempos. Vão ter várias festas durante as férias.

Eu faço que sim, mas ir a uma festa barulhenta sem conhecer quase ninguém não me parece muito tentador.

Paramos em frente à casa da Nonna e do Papa. A garagem e metade do quarteirão estão tomados por carros, então Olivia vai dirigindo devagar à procura de uma vaga.

— *Todo mundo* vai te perguntar sobre o Griffin. As notícias circulam rápido demais nessa família. A Nonna conta pra uma pessoa e de repente é como se um telefone sem fio entrasse em ação, aí depois de uma hora todo mundo já sabe de tudo.

— Pois é. Hoje no café da manhã todo mundo já sabia. E sua mãe já atualizou a minha também.

Meu celular ainda estava dentro da gaveta no andar de cima, mas minha mãe me localizou no viveiro. Não foi uma ligação que eu queria receber. Pelo menos ela se sentiu tão mal por mim que nem chegou a mencionar meu pequeno desvio de rota ontem à noite. E eu tive que rir quando ouvi Margot gritando ao fundo: “Diz pra ela que eu mandei mais fotos!”

— Não deixa a tia Maggie Mae te encher o saco — Olivia diz. — Ela se aproveita de qualquer desculpinha pra falar que o namorado da Mary Jo está sendo sondado pela LSU e pela Bama, e que o namorado da Jo Lynn recebeu uma carta de admissão antecipada da A&M.

— É difícil de acreditar que qualquer pessoa queira namorar as Meninas Malvadas.

— É exatamente isso que o Charlie sempre diz. — Olivia desliga o carro e nós duas olhamos para a casa.

— Está pronta?

— É agora ou nunca.

Assim que entramos, somos recebidas pelo caos completo. Os primos mais novos apostam corrida pelos corredores de patinete, skate elétrico e uns nas costas dos outros.

— Oi, Sophie! Oi, Olivia! — as vozinhas ecoam enquanto eles correm ao nosso redor. A última criança a passar é um dos meus primos mais novos, Webb. Ele voa pelo corredor em seu patinete, vestindo uma cueca preta e uma camiseta do Super-Homem.

— Webb — digo. — Acho que você esqueceu a sua calça.

Olivia o ignora.

— O Webb está passando por uma fase anticalça. Ele se recusa a usar calça dentro de casa. Qualquer casa.

Papa e alguns dos meus tios estão parados na frente da TV, discutindo por causa do jogo. Eu me inclino para dar um beijo na bochecha de Papa. Charlie e outro primo nosso, Graham, saíram

com ele de fininho para pescar enquanto Nonna estava ocupada na estufa.

— Conseguiu pegar quantos? — eu cochicho.

Ele dá uma risadinha e bagunça meu cabelo.

— Cinco, mas não conta pra sua avó.

Mas, é claro, foi Nonna quem pediu que Charlie e Graham o levassem quando percebeu que ele precisava de um descanso.

— Aí estão minhas garotas — Nonna fala alto do fogão assim que entramos na cozinha. Ela está usando um avental escrito “*Ciao pra vocês*” e parece ter tomado um banho de farinha. — Vocês podem ir colocando a mesa? A comida está quase pronta.

Olivia pega os jogos americanos e eu vou logo atrás com os pratos.

— Sophie — tia Camille chama. Ela está na bancada perto da Nonna, salpicando croutons na salada. — O que aconteceu com o seu namorado? E quem é essa tal de Paige? Ele estava te traindo com ela?

Olivia me olha por cima do ombro, depois revira os olhos. *Lá vamos nós.*

— Não tem nenhuma Paige. Ele estava falando com o amigo dele, Parker — respondo.

Tia Kelsey chega mancando no cômodo, com uma filha em cada quadril e mais uma pendurada na perna. Dou falta da quarta menininha que também costuma se agarrar à perna dela, então vasculho a área para ver quem está faltando.

— Cadê a Birdie? — pergunto a ela.

Tia Kelsey dá uma rápida conferida e parece notar pela primeira vez que uma das filhas não está ali. Ela revira os olhos e grita para o marido:

— Will? A Birdie está com você?

A resposta é um “sim” abafado.

Ela balança a cabeça e entra na cozinha.

— Não acredito que ele terminou com você — ela diz antes de se desgrudar das três crianças e colocá-las uma a uma nas cadeirinhas